

# O conjunto fortificado de Valença do Minho



Praça de Valença, 1998.

A história deste local e deste aglomerado remonta ao tempo do Império Romano, em que era o local de passagem do rio Minho na estrada de Bracara a Lucus, onde provavelmente existiu um *oppidum*, e ganha importância quando Portugal se torna independente de Espanha e se encontra defronte a Tui, importante vila espanhola.

D. Sancho I impulsiona a criação de uma povoação fortificada de nome Contrasta, assim denominada por oposição a Tui, tendo-lhe sido conferido foral por D. Afonso II, em 1212.

A fortificação foi reforçada no reinado de D. Afonso III, mudando o seu nome para Valença, topónimo prestigiante que a relacionava com valores guerreiros.

Nessa altura, a fortificação tinha uma dimensão de 300 por 70 metros, com um perímetro aproximado com a linha superior

da fortificação actual na sua parte norte, e terminando antes do Largo de S. João, onde na época passava o fosso. Durante o reinado de D. Dinis, por volta de 1300, a fortaleza que é chamada castelo, é profundamente remodelada, tendo novas remodelações nos reinados de D. Fernando e de D. João I. A partir de D. Manuel I, que repara a muralha no ano de 1502, o termo castelo é substituído pelo de fortaleza. Em 1506, quando Duarte D'Armas desenha as duas vistas da fortificação, as muralhas e torres aparecem com grandes estragos. Era então representada com uma forma ovalada que envolvia o burgo, com dois cubelos, um balcão virado a sul e outro ladeando a porta a norte. A barbacã, com alguns cubelos, tinha portas entre torres a norte, sul e este.

Hoje identificamos ainda um troço de barbacã a este com portal com as armas afonsi-

nas, e a porta da Gaviarra a norte, onde se identifica nitidamente que era ladeada por duas torres.

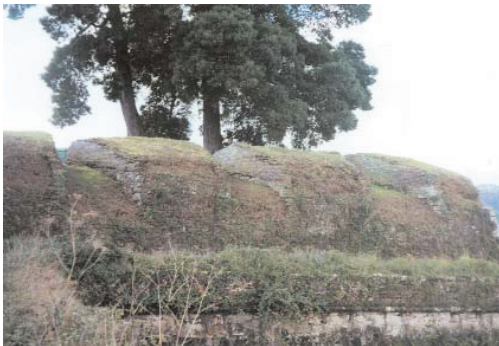
No século XVII, respondendo à necessidade de defesa contra Espanha, durante a Guerra da Restauração, inicia-se a construção de uma grande fortaleza, do tipo vauban com desenho barroco atribuído a Michel L'Ecole. Mais tarde chegou de França um corpo altamente profissional e competente de "Engenheiros do Rei", para orientarem a construção do sistema defensivo, um dos mais importantes da Europa de então, prolongando-se a construção durante o século XVIII.

A construção prolonga-se para o século XVIII, com a construção de elementos complementares do sistema defensivo.

A fortificação permanece com actividade militar até 1910, altura em que as tropas se retiram definitivamente para Lisboa, sendo classificada como Monumento Nacional por Decreto-lei de 14 de Março de 1927 e Zona Especial de Protecção desde 13 de Dezembro de 1958.

As muralhas de Valença e todo o núcleo urbano que fica no seu interior foram objecto de intervenções da DGEMN ao longo de décadas, havendo referências nos extensos arquivos na Direcção Regional desde 1936.

Essa grande obra culminou com a publicação do Boletim Monumentos n.º 115 em 1964. Nessa altura foram definidos os critérios e as reformas urbanas que poderiam introduzir maior qualidade arquitectónica e ambiental a todo o conjunto, sendo os projec-



À esquerda nas duas fotos: Fortificações de Valença, 2000.

À direita nas duas fotos: Fortificações de Valença, 1999.

tos de obras particulares informados no sentido de não prejudicarem a envolvente, com altura ou materiais desaconselhados à integração naquele núcleo histórico.

Foi também, e dentro do espírito de qualificação do interior da fortificação, construída uma pousada, por iniciativa da Direcção Geral. O projecto, de autoria do arquitecto João Andersen, pode ser entendido como um modelo referenciado à Carta de Veneza, com materiais miméticos da envolvente, mas com utilização de uma linguagem arquitectónica moderna.

Foi demolido, dentro do espírito da época, algum casario e construções militares "para desafogo da muralha", mas também e em simultâneo era desaconselhada a de-

molição de outros edifícios mais marcantes, nomeadamente, em 1946, o chamado Paiol Geral e o Hospital Militar.

Das obras executadas nessa intervenção, destacamos:

- remoção da vegetação que encobria todo o conjunto fortificado, de forma a permitir a identificação dos elementos construídos para posterior intervenção;
- conservação e consolidação dos paramentos da muralha e reconstituição dos que se encontravam arruinados incluindo a reconstituição da antiga porta medieval, das portas de entrada da fortificação, das guaritas, cortinas de bocas de fogo, dos revelins e baluartes;
- conservação, consolidação e beneficia-

ção dos paióis do Açougue e do Campo de Marte e das casamatas junto da Porta da Coroada e do prédio militar n.º 1/21 e praça anexa;

- pavimentações diversas quer de arruamentos quer do acesso ao interior da fortificação.

Valença sofre hoje de uma desfiguração lamentável provocada pela forma como os estabelecimentos comerciais expõem os seus produtos. Como uma espécie de mercado suburbano onde as mercadorias são expostas pelas ombreiras dos vãos dos edifícios e pelo passeio até à rua, o que impede a leitura das fachadas dos edifícios, alguns de grande qualidade arquitectónica. Essa indisciplina generalizada impede também

a leitura arquitectónica dos enfiamentos das ruas.

Por outro lado, com o desenvolvimento de uma nova cidade mais para sul, em resultado da natural proibição de construção dentro de muralhas, não existem residentes, nem nada mais que atraia os visitantes que o comércio.

Para inverter a situação actual torna-se necessário fazer um grande trabalho que terá de incidir em diversas frentes que requalifiquem toda a vila muralhada.

Uma das frentes é sem dúvida a conservação e qualificação de toda a fortificação.

Outra será a criação de percursos, devidamente marcados com sinalética informativa e de orientação, que percorra os lugares mais marcantes da fortificação, e que motive os visitantes a nele participar.

Nesse percurso deverão existir, aproveitando edifícios militares, núcleos museológicos, de lazer ou outros que criem pontos de atracção e de interesse.

Para além da valorização do conjunto monumental e sua dinamização é fundamental que sejam criados incentivos para que o núcleo seja novamente habitado, para o edificado reencontrar uma vivência natural imprescindível à sua caracterização.

Será também necessário, em conjunto com os agentes dinamizadores locais, requalificar os espaços construídos e utilizados como estabelecimentos comerciais.

Num dos primeiros exercícios deste conjunto de medidas que terão necessariamente de ser tomadas, a Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte, fez obras no ano de 1998/1999, no Paiol do Açougue.

Este pequeno edifício, característico das



*Em cima: Fortificação da Praça de Valença, 2001.*

*À direita: Fortificação da Praça de Valença. Conservação e consolidação do troço da Muralha entre o Baluarte de São José e Santa Ana.*



construções militares daquela época, com um único compartimento, com aproximadamente 50 metros quadrados, cuja função era guardar munições, poderá agora abrigar um núcleo museológico.

Outra obra realizada durante o ano de 1999 foi a beneficiação do Baluarte de S. João, situado defronte do paiol já referido que se encontrava bastante degradado, com troços derrocados e outros em vias de ruína.

A intervenção tentou realizar uma operação "cuidada", que fez o restauro do restauro executado nos anos 40.

Como metodologia seguida, aproveitou-se depois de limpo e consolidado o máximo existente. Através da confecção de tijolo artesanal novo, com as características e dimensão do tijolo utilizado aquando do primeiro restauro, procedeu-se ao preenchimento das lacunas.

Posteriormente procedeu-se, dentro do mesmo espírito, à conservação dos baluartes de Santa Ana e de S. José e realizou-se a consolidação estrutural de um paramento de muralha entre estes baluartes, que se encontrava parcialmente derrocado.

Pretende-se continuar a desenvolver, através de metodologia idêntica, o restante da fortaleza de Valença, obra essa que irá continuar nos próximos anos.

O ponto fundamental será sem dúvida a conservação e beneficiação de todo o conjunto muralhado, mas também se prevê a elaboração de projectos para a Cadeia Velha, o Paiol do Campo de Marte, a Fonte da Vila, bem como a organização de percursos que valorizem o baluarte da Gaviarra e o do Socorro ligando com o Revelim da Fonte da Vila.

*Ficha Técnica das intervenções realizadas pela DREMN desde 1999*

*Arquitectura:*

*Paula Araújo da Silva, Rosário Magalhães, João Ferreira e Gil Monte*

*Consolidação estrutural de paramentos da fortificação: Departamento de Estruturas da FEUP: Eng.º Aníbal Costa, António Arêde e Esmeralda Paupério*  
*Electricidade - P. A. Gomes, Eng.º*  
*Fiscalização - Cecília Oliveira, Eng.ª*

**PAULA ARAÚJO SILVA,**  
**Arquitecta, DREMN.**